

APRESENTAÇÃO

Este documento de implementação do Programa de Educação Artística apresenta orientações metodológicas destinadas a subsidiar o trabalho do professor nas Escolas Municipais da Cidade de São Paulo.

Os procedimentos sugeridos devem ser entendidos como possibilidade de atuação do professor, devendo sofrer adequações de acordo com as necessidades da realidade escolar.

Pretende-se que as orientações apresentadas nesta implementação sejam percebidas não só como retomada teórica do enfoque a ser dado ao trabalho pedagógico, mas também como exemplificação de procedimentos viáveis. Neste sentido, devem ser vivenciadas pelo próprio professor, garantindo segurança na sua utilização em sala de aula.

O objetivo desta proposta, não é formar artistas, mas conduzir os alunos a um melhor conhecimento de si mesmos e do meio que os cerca, possibilitando a expressão de suas idéias e sentimentos através das linguagens cênica, corporal, plástica e musical.

A equipe responsável pela elaboração deste texto tem maior interesse em conhecer a opinião dos Professores da Rede. Podem ser registradas:

- Observações sobre a adequação da proposta teórica e o número de aulas despendidas para o desenvolvimento dos tópicos consultados;
- consideração quanto à propriedade e/ou utilização das atividades sugeridas;
- apreciações a respeito do conteúdo proposto;
- atividades desenvolvidas que apresentaram bons resultados (descrevê-las);
- dúvidas, críticas, sugestões;
- outras.

Este material deve ser remetido a DEPLAN 401 - Setor de Currículos, Programas, Métodos e Processos.

PROFESSOR,
UTILIZE ESTE CANAL DE COMUNICAÇÃO.

Através de suas opiniões, será possível, em futuros trabalhos, entender melhor as expectativas e necessidades detectadas e, conseqüentemente, aperfeiçoar o desempenho das nossas escolas.

1. BREVE HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES DE ARTE

Como preâmbulo a este documento de implementação, parece apropriado abordar a trajetória histórica da arte-educação, que se confunde com a própria história da Arte.

A Arte é um fenômeno cultural, criada há milhões de anos pelos seres humanos para satisfazer algumas de suas necessidades.

Não há civilização, por mais primitiva, em que o canto, a pintura, a dramatização, a dança e os instrumentos musicais não estejam intimamente ligados a todos os atos da vida social.

Entretanto, como as necessidades humanas mudam através dos séculos, também mudam os enfoques da Arte.

Na sociedade tribal, os indivíduos faziam arte como um ritual mágico, para conseguir alimento ou procriar. Imitavam ritmos e sons da natureza, para tê-la como aliada. O Shamã, denominação do feiticeiro e mágico, pintou o bizonte nas paredes das cavernas para registrar a necessidade de caçá-lo. Na época, sua função era equivalente à do professor de artes. A história da tribo foi mantida viva, de geração a geração, através da narrativa e do ensino ritual dos sons, da pintura das cavernas, da modelagem do ídolo.

A comunidade agrícola abrange o período que se estendeu dos antigos egípcios até os sistemas feudais da Idade Média. Os egípcios usaram a arte para fins espirituais e religiosos. A arte serviu também ao comércio e à indústria e como veículo de propagação de idéias. Na comunidade agrícola, o artista era o artesão. Um sistema de ensino e aprendizado passou a desenvolver-se dentro das famílias, onde os filhos aprendiam com os pais.

No Renascimento, o artesão adquiriu "status" de artista, voltando-se para a pintura e a escultura e o ensino passou a ser ministrado aos alunos, em grupo, nas academias e estúdios.

O artista atuava com seus alunos aprendizes num trabalho conjunto que era finalizado pelo mestre.

A civilização industrial teve início no século XVI e se mantém até nossos dias. Inclui-se na sua origem as revoluções industrial e científica, a idade do iluminismo, a era das descobertas e a Reforma Protestante.

Com a ascensão da classe média, havia tempo disponível para a arte e a cultura; jovens aprendiam música, pintura e escultura.

No século XVII, os operários foram estimulados a aprender desenho gravado em metal para suprir as necessidades da indústria.

Começou, na sociedade industrial, a arte como conteúdo da educação com o enfoque mais voltado para a profissionalização.

No Brasil, vem de longa data a preocupação com a arte-educação.

A escola nova centrada em Dewey, Claparède e Decroly veio enfatizar a importância da arte-educação para o desenvolvimento da imaginação, inteligência e intuição da criança. O princípio norteador "aprender fazendo"

estimulou nossos artistas e arte-educadoras a organizarem classes de arte para crianças, jovens e adultos, onde buscava-se a arte como livre expressão.

Contudo, na escola pública, a idéia de livre expressão em arte só se tornou possível na década de 30, com a mudança de regime de governo.

Germinada a semente no campo educacional, foi novamente abafada pela ação repressora do Estado-Novo.

Após a queda de Vargas, renasceu a preocupação com a livre expressão, tendo o artista Augusto Rodrigues criado a Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro, 1948).

Foi o estímulo necessário para a criação de novas escolas de Arte.

Em 1958, o governo federal criou as classes experimentais nas escolas primárias e secundárias. As escolinhas de Arte, onde as crianças, jovens e adultos expressavam-se livremente, passaram a atuar como consultoras de arte-educação para o sistema escolar público.

Este estado de coisas permaneceu até 1971, quando a Lei Federal 5.692 tornou a arte conteúdo obrigatório nas escolas de 1º Grau e de alguns cursos de 2º Grau.

Em 1973, foi criado o curso universitário para a formação de arte-educador (licenciaturas curta e plena em Educação Artística).

Atualmente, entre outras preocupações, a arte-educação inclina-se para a reapropriação das manifestações populares através do resgate dos elementos culturais das regiões onde os alunos estão inseridos.

Aos arte-educadores lembra Robert Saunders: "A Arte tem sido usada cada vez mais em processos de humanização, para nos ensinar sobre nós mesmos, revelando nossa criatividade e imaginação".

Nesse final de século, era de alta tecnologia, de confusão entre os valores éticos, morais e espirituais, de sociedades tribais vivendo ao lado de sociedades industriais, talvez seja a arte o melhor instrumento para o homem buscar suas finalidades.

"Os Arte-educadores são uma minoria que podem fazer um mundo que funciona para todos".

É nesse sentido que o professor de Educação Artística, estando comprometido com a educação numa abordagem ampla, deve assumir uma postura de preocupação com Arte na Educação, ou seja, ser o que chamamos Arte-Educador. (e)

2. A EDUCAÇÃO E A ARTE

Em Arte não há verdade universal, e tampouco em Arte-educação.

Cabe a cada educador encontrar suas estratégias dentro da Arte em educação. Isto só é possível quando ele se propõe a conhecer cada vez mais os seus alunos e a destacar, do Programa, o que deve ser ensinado e desenvolvido em cada nível ou idade.

O presente documento de implementação sugere planejamentos de situações de aprendizagem que permitam ao professor e alunos perceber os elementos que os cercam e expressarem-se como indivíduos em constante interação com o mundo.

2.1. Objetivos

Pretende-se que, através do trabalho proposto em Educação Artística, o aluno tenha condições de desenvolver durante o 1º Grau:

- construção de si mesmo como pessoa e como ser social;
- conhecimento do mundo e das relações que nele ocorrem;
- postura consciente decorrente de sua participação efetiva no momento social e cultural;
- expressão deste conhecimento e desta postura através de formas pessoais e criativas.

Para que estes objetivos sejam alcançados é importante que o professor tenha clareza quanto a alguns pressupostos básicos, pois deles dependerá o bom andamento das atividades planejadas, permitindo ao aluno auto-desenvolver-se.

2.2. Postura do professor

Pressupõe-se que o professor:

- respeite o processo individual de criação, dando a cada aluno oportunidade de expressar-se livremente, sem cercá-lo com modelos e regras.

Cabe ao professor conduzir o processo de forma a propiciar o enriquecimento do aluno. É através da auto-expressão que o indivíduo se adapta às novas situações, assumindo uma postura crítica em relação ao momento social e cultural;

(e). Adaptado de SAUNDERS, Robert. In: BARBOSA, Ana Mae. A história da Arte-educação. Ed. Max Limon Ltd. 1ª edição, 1986. p. 66.